



**A CAMISA DO MEU CURSO**

**Tarcisio Cardoso Mauad Lima**

**É** muito fácil julgar quem veste camisa de curso de graduação na rua, digo por experiência própria. Eu achava “coisa de gente exibida ou insegura”, principalmente porque quase sempre as utilizam mostrando um curso tido como importante ou apenas o nome da universidade (e aí, você deduz que devem ser estudantes de uma área não tão badalada assim.) Porém, acabei não resistindo. A primeira coisa que fiz ao checar a minha aprovação no SiSU foi garantir a minha veste, vermelha como os lenços de um toureiro madrileno, carregada dos dizeres “Oceanografia UFBA”. Contrariei a minha regra imaginária, acho.

Como qualquer pessoa que não deseje ser médica ou juíza federal, obviamente escutei bastante sobre como morreria de fome. Ainda assim, tenho a sensação de que por ser uma área que não está nas prateleiras das graduações mais conhecidas, ouço a frase com uma frequência um pouco além da conta. De brinde, ainda preciso explicar as atividades de um oceanógrafo, além de desmistificar a ideia de que é um curso de ciências biológicas. Mas é o preço a pagar por ter arquitetado um plano para dormir escondido no Projeto Tamar, quando ainda era uma criancinha fascinada pela vida marinha.

Não à toa, meu despertador em formato de tartaruga em cima da estante verde-água me acorda para mais uma manhã de aula na UFBA. Se o meu pai não vier me perguntar mais uma vez se a orca é uma baleia, provavelmente chegarei no horário, mesmo se o ônibus atrasar para chegar ao campus na Ondina.

Piso no último degrau da escadinha do veículo e dou um pulo para aterrissar com ambos os pés no terreno onde desejei pisar desde o ensino fundamental. Após caminhar deixando pegadas pelas misturas de calçada com terra no solo, é hora da tradicional passada no Instituto de Biologia para garantir a xerox do dia.

Infelizmente, minha impressão externa acabou se confirmando desde que efetivamente entrei na universidade, cinco semestres atrás. Claramente, quem utiliza as camisas dos cursos compõe uma minoria, mas mesmo entre aqueles que, assim como eu, não possuem tanta criatividade para montar visuais inéditos todos os dias, é muito raro ver uma representação de áreas sem muito prestígio social. Ainda sofri uma doce ilusão no meu primeiro dia, quando vi uma pessoa vestindo uma blusa estampada com “Letras: UFBA”, mas acabei descobrindo ser apenas uma piada pretensamente engraçada.

Apesar da atitude tão solitária, a camisa finalmente resolveu fazer a sorte sorrir para mim. Nem havia atentado para isso, mas um bom samaritano que estava olhando o quadro de vagas me chamou, e o “cara da oceanografia” prontamente foi até onde ele estava. Ele me mostrou um papel anunciando um processo seletivo para estagiários em Oceanografia em uma empresa relativamente longe da minha casa. Mas, logicamente isso não seria empecilho para aproveitar uma oportunidade tão rara. Agradei

ao meu colega até então desconhecido e anotei o e-mail dos contratantes, pronto para enviar o meu currículo e torcendo para outros concorrentes passarem batidos pelo cartaz, assim como eu quase havia feito.

Algumas semanas depois, parecia que o processo seletivo nada tinha de “processo”, afinal de contas. Sem experiência na área e ainda na metade do curso, fui imediatamente contratado pela Lustigus, que só agora descubro ser uma *startup* de relativo sucesso dentro da higiene ambiental. Estava guardando todo o estudo a respeito da organização para quando (e se) fosse ser entrevistado, mas pelo jeito aprenderei “na marra” mesmo. Não que haja qualquer problema nisso.

Embora a ficha ainda não tenha caído, meu sorriso segue o mesmo princípio. Tento até conter a alegria para as pessoas no ônibus não me acharem esquisito ou algo do tipo. Mas isso não importa, e sim este futuro oceanógrafo finalmente recebendo a oportunidade de não “morrer de fome”, em um ambiente mutuamente comprometido e interessado nos meus conhecimentos e objetos de estudo. Puxo a cordinha do teto do ônibus e já sinto o meu coração palpitar, ansiando com um leve tom de nervosismo pelo momento que entraria no escritório do meu primeiro trabalho.

Para provar que alegria de pobre dura pouco, o motorista simplesmente não para no ponto certo. Pelo menos o próximo é logo ali na frente, não faria mal andar um pouco. Puxo a cordinha novamente e me certifico de que a telinha acende, junto com o barulhinho característico deste mecanismo tão corriqueiro. Ainda

assim o motorista não para, e toda a minha tranquilidade já vai embora.

— Ô motô! — grito de forma veemente enquanto bato com força na caixa localizada acima das portas e o maldito finalmente me deixa sair daquela prisão móvel. Saio esbravejando e insultando diversas gerações da família do piloto, ao mesmo tempo me sentindo um pouco mal pelo susto causado a alguns passageiros mais distraídos. Mas a prioridade agora é me apressar para chegar à Lustigus dentro do horário.

Bem, não consegui. Por questão de alguns minutos, acabei me atrasando, e o primeiríssimo encontro com o meu superior já veio acompanhado de uma tímida, porém incisiva bronca. Passado o constrangimento, consigo conhecê-lo melhor. O nome dele é Airton, tem 33 anos de idade, além de uma altura levemente superior à minha, e recentemente criou o departamento de Oceanografia na empresa. Não me contenho e acabo perguntando o motivo para o ingresso na organização ter sido tão simplificado (não quis utilizar a palavra “fácil”). Ele dá uma leve risada e diz que já imaginava essa pergunta, mas não há motivo de preocupação: oceanógrafos precisam cuidar uns dos outros. Os meus batimentos finalmente voltaram ao normal enquanto dava uma volta no escritório para conhecer o ambiente e me sentia pertencente ao local. Não era uma área grande, mas bastante setorizada. No fim das contas, a impressão que fica com todas as divisórias e os atalhos entre as diferentes partes é de que o espaço é muito mais confortável e receptivo do que seus limites físicos permitiriam. As paredes lisas e brancas ocasionalmente interrompidas por janelas venezianas configuram um ambiente estático, que eu sincera-

mente não esperava ver em uma *startup*, mas definitivamente tem seu charme. Talvez não passe de um estereótipo da minha cabeça.

Uma vez concluídas todas as formalidades iniciais, finalmente é chegada a hora de executar as tarefas que vim desempenhar de fato, exercer a Oceanografia como ciência prática. Ou pelo menos é a minha esperança até faltar 10 minutos para o fim do expediente, e ainda estou recebendo e entregando documentos e envelopes entre os setores. Sinto que é uma breve punição pelo atraso de hoje, então é compreensível. Não é de todo ruim: sinto-me um ator, desfilando meu carrinho de supermercado pelos corredores, como uma espécie de introdução em um filme de comédia. Mas confesso não ter pensado nesse gênero cinematográfico quando submeti currículo. No máximo, um filme de superação bem-humorado. Amanhã haverá de ser melhor.

O despertador de tartaruga emite seus diários sons de mar, me acordando meia hora antes que o normal para, agora sim, o meu primeiro dia de trabalho. Nem se o ônibus me arrastar pela gola da camisa social, eu chego atrasado hoje. Tenho até uma roupa reserva na mochila. Dou sorte de pegar um ônibus um pouco menos cheio e com alguns luxos extras, como ar-condicionado e minitelevisão, ótimas distrações para o chacoalho incessante do veículo, em minha opinião. Sou acometido por um misto de estranhamento e orgulho quando, em intervalo comercial em meio ao jornal da manhã, vejo uma propaganda da Lustigus na telinha, demonstrando em números e imagens o progresso feito nas áreas trabalhadas com seus serviços de higiene ambiental. Incrível como tudo é sempre mais bonito, charmoso, inteligente, ecológico após as intervenções. Preciso pensar em uma forma de fazer com que isso não seja apenas um estágio, desejo crescer dentro

da empresa, como um daqueles senhores que passam mais de 50 anos dedicados a uma única organização, ambos nutrindo um ao outro com experiência e compromisso. Quero chegar ao cargo do Airton, no mínimo. E agora é hora de começar. Salto do ônibus pronto para iniciar as tarefas reservadas para mim no escritório.

Bato o ponto com o meu cartão de trabalho, encerrando o expediente e pego o ônibus em direção à minha casa, onde após duas semanas de trabalho, os meus pais ainda não ouvem grandes novidades em relação ao meu trabalho. No fim das contas, parece que Airton e os seus colaboradores queriam um faz-tudo, função geralmente camuflada com nomes bonitos como “auxiliar administrativo”, ou “oceanógrafo”, no meu caso. Dia após dia, vejo diante de mim a rotina de trabalho acontecer para todos os colegas, enquanto as horas se arrastam no meu relógio de pulso, encostando com pesar e impaciência o metal da pulseira no corrimão do carrinho tão carregado por mim. O ônibus, agora sem televisão ou ar-condicionado, frequentemente não para no ponto certo, mas fazer o quê?

Como estagiário continua sendo estudante, começo a usar meu tempo vago no escritório para colocar em dia as responsabilidades de universitário. Às vezes sou interrompido por uma ou outra demanda de levar o papel X para a xerox, mas nada que comprometa a minha atenção ao material de estudo. Airton trabalha em uma sala de vidro fechada bem na minha frente, onde geralmente passa o dia falando ao telefone ou recebendo pessoas, solicitando-me que faça um cafezinho na mesma bandejinha ornamentada de prata. O dele é sempre descafeinado, e o outro logicamente varia de acordo com o visitante.

Veza ou outra, acabo ouvindo algumas ponderações de problemas oceanográficos (finalmente) nos projetos da Lustigus e, aparentemente, ele é o único responsável por esse setor na empresa. Quem imaginaria? Algumas vezes, paro as minhas atividades e o xingo mentalmente, apenas a fim de desestressar. Outras também resolvo pegar os dados soltos no ar e elaborar um plano imaginário de resolução no meu caderninho. Nesta semana, parece que a instalação da organização na praia de Patamares tem tido problemas de conservação e manutenção da ecologia local, principalmente com a água de lastro deixada pelos navios de transporte fretados pela Lustigus, enquanto o Ibama está “chegando duro” na empresa.

Apesar dos pesares, não consigo deixar de me importar com a situação marítima de um local que eu costumava frequentar com a minha mãe quando criança. Sempre pedíamos algumas pititingas e uns mini abarás, enquanto a brisa agridoce do oceano atingia, umedecia e salgava nossos cabelos curtos, porém balançantes.

Bem, hoje o roteiro pós-trabalho é um pouco diferente: troquei a camisa social por uma regata e shorts, separei o dinheiro do coco gelado e agora estou no primeiro ônibus em direção a Patamares. Confesso que gostaria de um tradicional queijo de praia também, mas a essa hora não encontraria mais vendedores. Finalmente chego ao destino e alegremente começo o processo de mapeamento. Tirei algumas fotos discretas das poucas plantas estruturais pertencentes à região, as quais encontrei no escritório, mas não é ruim para um projeto fadado a não sair da cabeça de um frustrado futuro oceanógrafo. Aproveito o processo para observar o ambiente, as cores ficando cada vez menos nítidas e



distintas entre si conforme a noite se aproxima, o reflexo da lua sobre o mar, e a água batendo nos meus pés, deixando a areia sempre um pouco mais fofa do que pouco antes. E assim faço por mais algumas semanas. Alguns dias, inclusive sob liberação de Airton, pois eu disse a ele que meu pai estava doente e precisava do meu apoio (felizmente não está).

Uma vez terminado o meu planejamento, às vezes finjo não conhecer como ou quando aquele rascunho foi feito, pois assim posso ter sensações de orgulho e felicidade quase parecidos à primeira vez que testemunhei o resultado. Na verdade, utilizei algumas ferramentas bem vanguardistas, atualmente utilizadas nos países nórdicos, mas que aqui no Brasil ainda parecem distantes da realidade. Ainda assim, nada mal para um projeto que nunca verá a luz do dia.

O esperado acontece: Airton me chama na sala dele para uma “conversa de oceanógrafo para oceanógrafo”, que na verdade não passou de uma bronca sobre as minhas saídas do trabalho antes da hora. Como já não tenho nada a perder, resolvo retrucar e reclamar da falta de oportunidades dentro da empresa após quase dois meses desde a oficialização do contrato. Ele sabe que a sua atitude não passa de uma fraude para baratear os custos de contratação, mas obviamente o assunto vai permanecer como um elefante na sala. Após ter ficado pretensamente surpreso com meu desabafo (e talvez um pouco assustado), ele agora me promete mudanças em tudo: finalmente poderei exercer as funções para as quais fui contratado. Tento manter a postura séria e desafiadora, mas na verdade, isso era tudo o que eu queria. Ou isso, ou ir embora de uma vez por todas. Puxo do bolso o plano guardado por quase duas semanas e mostro ao meu superior, explicando

cada passo e cada informação que falta ser agregada para podermos resolver juntos o problema em Patamares.

Não sei dizer se realmente a expressão estonteada dele foi de agradecimento por uma possível solução “caindo do céu” ou por conta do “complexo de vira-lata” em relação à própria profissão. Difícil dizer.

Saio do escritório após o meu melhor dia de trabalho até então. Ou talvez o único. Mal posso esperar pelos próximos quatro meses de contrato. Os meus sonhos de promoção, estabilidade e trabalho fazendo o que amo parecem cada vez mais próximos da realidade, repentinamente silenciando e diminuindo o volume de todas as vozes que unilateralmente decretaram o meu destino como um profissional ilegítimo e “esfomeado”, sem conhecer as possibilidades e contribuições da ciência oceanográfica.

No dia seguinte, carrego meu cartão de funcionário com vigor e orgulho, como não havia feito sequer no primeiro dia de trabalho. Checo três vezes antes de sair de casa para ver se tudo está nos conformes, e novamente saio mais cedo, pegando o ônibus com ar-condicionado e televisão. Ao pisar na sede do escritório, tenho um entrevero: a cancela não reconhece meu cartão. Chamo o segurança, que claramente não me conhece, e solicito ajuda, apontando o problema. Ele inicialmente me julga como inexperiente no processo de validação do cartão, mas logo se dá conta de que o problema pode ser a cancela. Alterna para testar na cancela ao lado, e de novo não adianta grande coisa. O mesmo acontece em todas as outras quatro ali presentes. O meu celular dispara. Já acometido pelo nervosismo, mal tenho tempo de raciocinar sobre o assunto da ligação, mas sempre se espera

algo bom. Não é o caso. É a coordenação de estágio da UFBA informando que o meu contrato havia sido rompido, devido a fatores como “insurgência e desrespeito aos superiores”. Nenhuma informação a mais foi dada, e, portanto, devo retornar imediatamente às minhas atividades como estudante de Oceanografia na universidade. A raiva toma conta de mim, mas sinceramente, o desgaste não vale a pena. Há um segurança de aproximadamente dois metros de altura na minha frente, já desconfiado que meu cartão possa ser uma tentativa de burlar o sistema de entrada, e a empresa jamais fez algo por mim além de tentar manipular a lei trabalhista. Azar o deles. Tenho mais a ganhar como estudante da minha ciência amada.

Espero o ônibus fazer a volta para ir à casa, me arrumar para um dia de aula (e não de trabalho) após um período que parecia uma eternidade, mas que em visão macroscópica, pouco significou. E assim, repito o ritual: estendo a mão e sinalizo para o ônibus. Eu e o motorista já nos reconhecemos, então é sempre mais agradável entrar em um ambiente com pessoas um pouco conhecidas. Isso vale também para o cobrador. Posiciono-me em meu confortável assento, olhando as paisagens soteropolitanas pela janela do ônibus. Não demora até a vinheta do jornal da manhã tocar, anunciando a seguinte manchete: “*Startup* de Salvador apresenta solução inovadora para potencial desastre ecológico em Patamares”.